

VICTOR RODRIGUES



V I C T O R R O D R I G U E S

Curiozone

E D I Ç Ã O 1

Índice

Introdução	04
Capítulo 1 – Quando a internet ainda era humana	05
Capítulo 2 – O nascimento da cultura das curiosidades	08
Capítulo 3 – O lado sombrio do fascínio	14
Capítulo 4 – O dia em que a Curiozone ganhou nome	18
Capítulo 5 – Ser verdadeiro num mar de mentiras	23
Capítulo 6 – A regra que nunca foi quebrada	26
Capítulo 7 – A página que começou a me revelar	29
Capítulo 8 – As pequenas conquistas que mudaram tudo	32
Capítulo 9 – Quando deixou de ser só meu	35
Capítulo 10 – Antes de algo maior nascer	38

Oi, meu nome é Victor e eu tô de volta dessa vez pra escrever um livro digital. Um eBook, que eu espero que seja de bom proveito para todos vocês.

A intenção aqui é ser completamente transparente em meio a tudo o que vivi nesses anos apresentando para o mundo.

Espero, de verdade, que todo esse conteúdo seja inspirador pra você, e tão impactante e divertido quanto foi pra mim escrever, ler e reler essa história tão bacana de uma página que já atingiu milhões de pessoas em matéria de alcance de público em todas as redes sociais.

A Curiozone é um projeto criado com um carinho especial, um hobby, que se transformou em trabalho sério, mas que, na sua primeira década, ainda tem muito a conquistar, apesar de já ter conquistado algo tão grande e muito especial: sua atenção e audiência.

Pode ter certeza que esse livro é só o começo. Escrever ele foi muito divertido, e o fato de ter sido assim, é a maior prova de que o que é bom, precisa, e muito, continuar.

Boa leitura.

Capítulo 1

O ano de 2014 não parece tão distante... mas, ao mesmo tempo, parece pertencer a outra era. Se você viveu aquele período usando as redes sociais, sabe exatamente o que isso quer dizer.

A internet era mais leve, mais espontânea. Mais... humana. Até porque, pra começar, o chatbot de IA sequer existia naquela época. Nem mesmo o WhatsApp era tão popular que nem nos dias de hoje.

Por outro lado, o Facebook dominava tudo. Era a praça, o bar, o colégio, o escritório e o ponto de encontro ao mesmo tempo. Entrar no feed era como abrir uma janela para o mundo e, de alguma forma estranha, todo mundo parecia mais acessível. O algoritmo, diferente do que é hoje em dia, priorizava muito mais as postagens feitas de pessoas para pessoas, embora também divulgasse páginas comerciais, porém com bem menos intensidade que hoje.

Eu lembro disso com clareza: memes recém-nascidos com formatos estranhos, fotos de viagens com filtros exagerados, textões que começavam com “desabafo” e terminavam com “se concorda, compartilha”. Nada de golpes sendo patrocinados em anúncios, nada de jogo do tigrinho, era divertido e ao mesmo tempo em que era caótico com um

feed em intenso movimento, era sincero.

Só que foi no meio daquele ano que as coisas começavam a tomar um rumo diferente. Inclusive, foi justamente nesse ano que muitos percebiam uma certa mudança meio que brusca no modo como o algoritmo tratava as postagens feitas por ali. No meio dessa bagunça, existia um tipo de conteúdo que sempre prendia a atenção das pessoas: curiosidades.

Eram aquelas frases curtas, com fatos estranhos, improváveis, às vezes profundos, às vezes bobos... mas sempre irresistíveis. “Sabia que...”, “Estudos dizem...”, acabaram se transformando em frases poderosas na internet. Simplesmente porque era só elas aparecerem na tela para despertar aquele instinto de clicar, ler, comentar ou mandar pra alguém.

E por que era tão forte? Bem, porque curiosidade é quase um reflexo humano. E isso nunca mudou e nem vai mudar. A gente lê um fato e automaticamente quer saber mais. É como se mexesse com uma parte antiga do cérebro, a parte que quer explorar, descobrir, se surpreender.

Naquele momento, o público no Brasil estava completamente aberto a isso. Era o momento perfeito. As redes sociais começavam a enxergar potencial nesse lado comercial, mas não eram tanto porque o algoritmo era

menos exigente, e compartilhar algo só porque era legal bastava. Nem o Facebook pensava em explorar isso sequestrando seguidores de suas páginas pra pedir o resgate aos criadores, nem as pessoas pensavam tanto em números, alcance, métricas.

Era diversão pura, sem nenhuma obrigação de ser numeroso. Só que era também a época em que a internet começava a mostrar o outro lado da moeda. O lado onde nem tudo era verdade. Onde páginas enormes cresciam muito rápido com conteúdos que... bom, vamos dizer assim: eram mais criativos do que confiáveis.

E é exatamente nesse cenário que a história da Curiozone começa a se formar. Você precisa guardar bem isso em mente, porque o embrião do projeto era sem pretensão, sem estratégia mirabolante, só com um desejo real: participar de uma internet que fascinava desde sempre, mas participar com sinceridade e quem sabe, talvez, crescer, porém sem trapacear pra conseguir isso.

Naquela época, eu não fazia a menor ideia do que estava por vir. Mas olhando agora, fica claro: aquele foi o cenário perfeito para tudo o que veio depois.

Capítulo 2

Se tem uma coisa que sempre me fascinou é como tendências na internet aparecem quase do nada. De repente, algo que ninguém falava ontem vira o assunto do dia. E em 2014, isso aconteceu com as páginas de curiosidades.

Eu lembro exatamente da sensação de abrir o Facebook e ver um monte delas brotando como se tivessem combinado de nascer todas na mesma semana. Era um fenômeno. Cada uma tentando chamar mais atenção que a outra, cada uma trazendo um “fato surpreendente” diferente.

E o público amava. Era impressionante como algo tão simples (uma frase contando uma coisa curiosa ou duas, acompanhadas de uma imagem chamativa) conseguia prender tanta gente. A verdade é que nós somos naturalmente atraídos por coisas que nos fazem dizer: “Como assim? Eu não sabia disso!”.

E essas páginas entregavam exatamente isso, o tempo todo.

Tinha curiosidade sobre ciência, sobre animais, sobre história, sobre comportamento humano, sobre qualquer assunto que você possa imaginar. Era como se alguém tivesse decidido pegar todas as coisas mais interessantes do mundo e condensar em posts rápidos, fáceis de consumir e

irresistíveis de compartilhar.

E no que diz respeito a quem produzia, não era só diversão, era também uma espécie de competição silenciosa entre páginas. Você sem dúvida faz parte desse público. Aquele que sempre se pergunta: Quem traz o fato mais inacreditável? Quem surpreende mais? Quem viralizou primeiro?

E no meio de tudo isso, algo importante estava acontecendo: a cultura das curiosidades estava se formando no Brasil.

Sim, porque foi com isso que o público começou a reconhecer esse tipo de conteúdo como parte do dia a dia digital. As curiosidades se tornaram um idioma comum. Quase um hábito. Na verdade, isso não tinha nada de novo. Era só uma síntese e um prenúncio da transição do físico para o analógico, já que as revistas de curiosidades já eram bem famosas muito antes da internet acontecer no Brasil.

O que estava acontecendo agora, era só o início de uma renovação no modo como as pessoas passariam a consumir informação.

Revistas como Galileu, da editora Globo, Superinteressante, e a saudosa Mundo Estranho, da editora Abril, já tinham um público consolidado, porém, pelo menos na minha visão, não conseguiram acompanhar a revolução

digital, e acabaram sendo deixadas para trás, apesar do conteúdo produzido por elas ser extremamente valioso e muito informativo. Vale destacar que o trabalho delas sempre foi bem sério, e a Curiozone tem em cada uma dessas sua inspiração.

E eu admito: eu era um desses que consumia tudo. Ficava horas olhando, clicando, lendo... não porque eu quisesse virar criador de conteúdo, mas porque eu realmente gostava daquilo. Era divertido, leve, instigante.

Só que, ao mesmo tempo... quanto mais eu observava, mais eu percebia que tinha algo errado. Algo que viria a ser o ponto de virada para tudo o que eu criaria depois.

Era como se, por trás de toda aquela disputa por atenção, começasse a surgir um ambiente meio tóxico, um jogo em que nem sempre vencer significava ser justo ou honesto. E isso foi o ponto de virada para tudo o que eu viria a criar depois.

E, olha, poucas pessoas no mundo realmente se incomodam com injustiças desse tipo. Muitas preferem fingir que não veem, outras até se acostumam, achando que “é assim mesmo”. Só que eu nunca consegui simplesmente ignorar. Na verdade, foi justamente observando esse lado distorcido das páginas que eu comecei a lembrar de uma filosofia que sempre me ajudou a enxergar as coisas com

mais clareza: o estoicismo.

Eu, inclusive, tenho uma filosofia estoicista muito boa que tem me feito lidar de forma muito mais leve com problemas, inclusive os que encontrei nesse ambiente digital. E fica até a dica pra você também, acompanhada de umas curiosidades, por que não?

Essa filosofia é simples: entender que o mundo tem 8 bilhões de pessoas e que não vale a pena permitir que uma única delas te incomode a ponto de afetar seu dia.

O planeta Terra tem aproximadamente 510 milhões de quilômetros quadrados, com 71% de oceanos e 29% de terras. Se em um pedacinho desse mapa alguém ou alguma situação te tira a paz, você pode sair dali ou se planejar pra ir pra outro canto desse mundão.

O mesmo vale para as 3.800 culturas documentadas. Se a que você vive te faz mal, talvez não valha a pena gastar tanta energia com isso quando você poderia usar esse tempo pra se preparar para viver outra.

Adotar essa perspectiva amplia a mente, limpa o excesso de ruído e ainda ajuda a controlar os níveis de cortisol (hormônio do estresse, produzido pelas glândulas adrenais).

Quando a gente se deixa abalar por um problema pequeno perdido nesse planeta de 8 bilhões de pessoas, o corpo entende que o perigo é real e despeja cortisol no

sangue. Se isso vira hábito, aí complica: engorda, gera ansiedade, depressão, pressão alta, baixa imunidade... tudo fica bagunçado.

Já essa visão estoicista que compartilhei funciona como um freio: você olha pro problema, pensa “isso é só uma formiguinha nesse mundão”, e pronto, o corpo nem se dá ao trabalho de acionar o alarme. Resultado? Cortisol em equilíbrio e uma vida muito mais leve.

E o melhor é que, quando o cortisol tá em ordem, parece que tudo funciona melhor: você dorme bem, acorda com energia, pensa mais rápido, o humor estabiliza... até parece que rejuvenesce uns anos. E se você combina isso com hábitos simples (caminhar, respirar fundo, rir com frequência) o efeito é ainda mais forte. O nível desse hormônio despenca rapidinho.

Então, em vez de gastar energia brigando com uma pessoa, um ambiente ou até uma cultura que te faz mal, canaliza essa força pra planejar uma viagem, uma mudança, um recomeço (qualquer movimento em direção a um lugar onde ninguém te deixe mentalmente esgotado). O mundo é enorme e, se você olhar bem, ele tá do seu lado nessa missão de viver com menos desgaste e mais lucidez.

E agora, sabendo disso tudo, dá pra entender melhor o que eu enxerguei lá atrás, naquele universo das páginas de

curiosidades. Porque o que parecia só uma disputa divertida por atenção, na verdade escondia práticas que incomodavam até quem, como eu, tentava ver tudo com calma e distanciamento. Só que esse lado obscuro (que foi o que realmente me fez virar a chave) é assunto para o próximo capítulo.

Capítulo 3

Quanto mais eu mergulhava naquele universo das páginas de curiosidades, mais uma sensação estranha começava a crescer dentro de mim. Era como assistir a um espetáculo bonito, divertido... só que sabendo que o palco tinha rachaduras que ninguém estava reparando.

No começo, eu não queria acreditar nisso. A gente sempre tenta focar no lado bom, né? Mas com o tempo, ficou impossível ignorar: a maioria das páginas que cresciam naquela época não estava preocupada com oferecer conteúdo verídico.

E isso começou a me incomodar de verdade.

Eu via um fato sendo compartilhado milhares de vezes, viralizando, todo mundo comentando, mas bastava fazer uma busca rápida para perceber que muita coisa ali estava... torta. Incompleta. Mal explicada. E, em alguns casos, completamente inventada.

Apesar de ser tão óbvio, a cultura das curiosidades era algo que se tornava tão comum, que as pessoas acreditavam. Elas de verdade confiavam e compartilhavam.

Só que quando alguém descobria que aquilo era falso, o sentimento virava rapidinho: a curiosidade que deveria divertir começava a virar motivo de vergonha, e muitas vezes

revolta.

- “Pô, compartilhei mentira.”,
- “Passei vergonha com meus amigos.”,
- “Caí em fake news.”

Eu lembro de ver amigos meus comentando isso. Gente comum, de boa, só querendo se divertir. Mas acabavam se sentindo enganados e com razão. O destino, aliás, de quem ousava denunciar dizendo que aquilo não condizia com a verdade era um só: a lista de bloqueados da página.

Uma das pioneiras, senão a pioneira nesse tipo de conteúdo e expediente, você conhece muito bem: Fatos Desconhecidos (vamos falar um pouco mais sobre essa, que é a razão da Curiozone existir, um pouco mais pra frente).

O fenômeno era tão grande, que serviu de inspiração para outras páginas como “Curiosos” (que mais tarde foi comprada por eles), “Super Tela”, e até a que hoje muitos dizem ser seu spin-off, a “Choquei”. Sim, a Choquei surgiu naquele ano. Todas elas embaladas pelo mesmo desejo: o de se tornar uma mídia digital com muito público, compartilhando informações, porém sem nenhum interesse na veracidade de qualquer postagem feita.

Enquanto isso, páginas como e-Farsas e Boatos.org

começaram a explodir. Parecia que, para cada curiosidade que viralizava, aparecia alguém dizendo: “É falso.”, “Isso é lenda urbana.”, “Fonte inexistente.”, “Manipulação.”

E as páginas de curiosidades, que deveriam ser algo leve e bacana, começaram a ganhar uma reputação terrível. Virou sinônimo de mentira, de sensacionalismo, de conteúdo preguiçoso, de quem faz qualquer coisa por engajamento. Até porque quando os números começam a crescer (e inevitavelmente isso estava acontecendo), o desejo por mais desses números crescia de maneira intensa.

E eu sentia isso tudo acontecer de perto. Sentia que um negócio divertido estava sendo manchado.

Hoje em dia, o jornalismo, uma ferramenta tão importante para o público, acabou se tornando algo depreciado justamente porque a quantidade de público consumindo foi colocada em um plano prioritário em detrimento da qualidade da própria informação que é divulgada.

A Fatos Desconhecidos para mim, diferente do que você pode achar, não é o grande problema, ela é só o sintoma de uma grande doença que hoje vive o meio jornalístico. Poucos estão dispostos a praticar o jornalismo old school, que é aquele que apura os fatos, e se preocupa muito mais com a veracidade e a responsabilidade daquilo que é publicado do

que com cliques, alcance e engajamento.

O resultado é um ambiente saturado de sensacionalismo, manchetes exageradas e conteúdo superficial, enquanto o jornalismo sério, investigativo e comprometido vai perdendo espaço, não por falta de importância, mas por falta de incentivo.

Todo esse cenário parecia um castelo lindo sendo construído com areia molhada. De longe, impressionava. De perto, qualquer onda derrubava. Sendo que o jornalismo, que é o ato de informar, jamais devia ser assim. E recuperar esse valor sempre foi a grande meta de muitos veículos, entre os quais a Curiozone pode se destacar.

E foi nesse mesmo ano, com 2015 batendo as portas, que a primeira grande crise das curiosidades começou na internet. Nesse momento, uma pergunta começou a ecoar dentro de mim: “Será que dava pra fazer isso de um jeito diferente?”.

Essa pergunta parecia pequena na hora, mas se transformaria na base de tudo que eu construiria depois.

Uma pergunta que mudaria a forma como eu enxergava a internet, conteúdo... e o meu próprio papel nisso tudo.

Capítulo 4

A verdade é que, antes da Curiozone existir, eu já estava na internet produzindo conteúdo informativo. Só não era do jeito que você conhece hoje.

No meio de todo esse caos, eu tinha criado uma página chamada Portal Zapping, que era muito mais voltada para entretenimento geral e cultura pop especificamente... Foi o Portal Zapping que, inclusive, me levou a conversar com pessoas como o Felipe Castanhari. Sim, o youtuber polêmico que hoje é alvo de muitos elogios e críticas por seus vídeos de história no canal Nostalgia.

Me lembro muito bem, inclusive, do dia em que eu, e mais uns colegas de Facebook conversamos com ele. O link desse podcast está como privado no YouTube, e talvez eu decida compartilhar algum dia. Só pra constar, uma justiça precisa ser feita. Não sabemos como está hoje em dia, mas naquela época ele foi extremamente humilde, simpático, nada soberbo e muito gente boa. Nesse dia, aliás, falamos um pouco sobre o mundo das notícias sensacionalistas. Ele fazia um conteúdo bacana, que fugia disso tudo.

Era outro universo, outro estilo, outra fase.

Mas enquanto o Portal Zapping seguia seu caminho, aquela pergunta que começou a ecoar dentro de mim: “Será

que dá pra fazer diferente?” ficava cada vez mais alta.

Eu assistia às páginas de curiosidades crescendo e caindo, viralizando e sendo desmentidas, encantando e decepcionando. E, internamente, aquilo me incomodava como se fosse uma praia inteira sendo tomada pela maré errada. A essa altura do campeonato já o ano de 2015 já estava acontecendo.

Eu pensava: “Isso podia ser tão legal se fosse feito com cuidado...”, “Por que ninguém simplesmente confere as informações?”, “Será que só eu fico irritado quando uma curiosidade é totalmente inventada?”.

A ideia apareceu no meio dessa inquietação, não como um raio, mas como um insight silencioso:

E se eu pegasse o Portal Zapping e transformasse em algo novo? Algo com propósito? Algo que eu ainda não via ninguém fazendo? Sim, porque naquele momento, eu só divulgava um pouco de cultura pop. A ideia de uma página de curiosidades já existia, porém a ideia de uma página de curiosidades com responsabilidade, não.

E aí veio o nome.

Curio...

Curiosidades.

Zone...

Zona. Lugar.

Com Z. Para manter a estética da internet.

Simples, direto e com identidade.

Curiozone. O lugar das curiosidades.

E eu lembro exatamente do momento em que escrevi esse nome pela primeira vez.

Mas transformar a página não foi só trocar o nome. Foi assumir um compromisso comigo, mesmo sem ninguém saber: “Se eu postar uma curiosidade, ela precisa ser verdadeira.”

Essa decisão parece pequena quando você lê assim, numa frase. Mas, na prática, era quase uma revolução silenciosa dentro daquele cenário de 2014.

Porque enquanto muita gente postava qualquer coisa para ganhar alcance rápido... eu decidi fazer o caminho mais difícil.

Não é por acaso que até hoje, a Curiozone segue engatinhando na visão de alguns. Consistência com o tipo de conteúdo que me propus a produzir é algo extremamente difícil de se manter. E o crescimento de qualquer coisa, exige a consistência.

Você pode pensar que era muito mais fácil abandonar

esse conceito e crescer logo de vez com impulso. E realmente, isso faz sentido quando uma pessoa tem uma ideia que precisa deslanchar. Uma analogia prática que ilustra bem esse pensamento do as pizzarias. No geral, se você reparar sempre existem dois tipos de pizzaria: a que vende uma pizza de catupiry fake, e a que só vende com o catupiry genuíno.

A que tem catupiry fake vende muito mais, claro, até porque o custo de produção, e automaticamente de venda vai ser muito mais barato atraindo muitos clientes. Por outro lado, a de catupiry genuíno vende menos, porém arrecada bem com o pouco que vende.

Primeiro porque o preço da pizza é bem mais alto (o catupiry de verdade é caro pra caramba), segundo porque a margem de lucro em cada pizza é absurdamente maior, e terceiro porque ela atrai um público que valoriza qualidade, está disposto a pagar mais e ainda vira cliente fiel, divulgando a pizzaria pra amigos que também pagam o preço cheio sem reclamar.

E esse é o pensamento que me motiva a continuar. As curiosidades são como pizzas, e as fontes de onde são tiradas as postagens feitas são como o requeijão catupiry. As pizzas vendidas pela Fatos Desconhecidos vendem mais, mas o catupiry deles é fake. As da Curiozone são feitas com

com matéria prima genuína, nada falsificada, e por isso conquistaram vocês, que continuam seguindo a página, lendo as reportagens do site e matérias até hoje.

E foi assim (meio no impulso, meio na coragem, muito na intuição) que nasceu a Curiozone.

Sem estratégia, sem pretensão nenhuma de virar gigante, embora com o tempo, inevitavelmente, fosse ficar.

Nasceu como uma resposta a algo que eu via e não concordava. Nasceu como uma promessa que eu fiz pra mim mesmo. Nasceu como um “vou fazer do meu jeito”.

E, sinceramente? Eu não fazia ideia do tamanho que isso se tornaria.

Capítulo 5

Transformar o Portal Zapping em Curiozone foi a parte fácil. Difícil mesmo foi lidar com tudo que veio depois.

Eu achava que bastava mudar o nome, ajustar o conteúdo e seguir firme na ideia de só publicar curiosidades verdadeiras. Achei que as pessoas iam perceber a diferença de cara. Achei que seria natural, simples, tranquilo.

Mas a internet raramente é tranquila.

Logo nos primeiros dias, eu senti o peso do preconceito com páginas de curiosidades. Era como se qualquer coisa que tivesse a palavra “curiosidade” no título já carregasse uma desconfiança automática.

Comentários como: “Ah, mais uma dessas páginas de mentira.”, “Vai postar aquelas curiosidades inventadas também?”, “O povo não cansa disso, não?”.

E cada comentário desses, por mais que eu fingisse que não fosse, era impactante no pior sentido da palavra.

Não porque fosse ofensivo... mas porque eu sabia que estava tentando fazer diferente. E parecia que ninguém estava nem disposto a dar o benefício da dúvida.

Além disso, tinha outro desafio, e talvez o maior de todos: a tentação do engajamento fácil.

Eu via curiosidades absurdas viralizando em minutos.

Coisas completamente inventadas recebendo milhares de compartilhamentos. Páginas crescendo de forma explosiva por conta de conteúdos que, claramente, não tinham qualquer base.

E eu? Eu tinha decidido seguir o caminho oposto. O caminho lento, cuidadoso, manual, é muito, mas muito trabalhoso.

Só que, naquele início, esse caminho parecia invisível. Eu pesquisava, checava, confirmava, revisava... e, muitas vezes, minha curiosidade não tinha o mesmo impacto de uma mentira bem contada.

Era frustrante. Teve dia em que eu olhava para a página e me perguntava: “Será que vale a pena?”, “Será que alguém vai perceber que estou tentando fazer isso com seriedade?”, “Será que esse caminho não vai me levar a lugar nenhum?”.

Mas, ao mesmo tempo, tinha algo dentro de mim que não me deixava desistir. Um incômodo positivo. Uma vontade de insistir. Como se eu tivesse encontrado um propósito, algo pequeno, mas importante.

E foi justamente nessa fase, nesse início torto e cheio de dúvidas, que a filosofia da Curiozone começou a ganhar forma real.

Porque cada vez que eu decidia não postar algo duvidoso... Cada vez que eu escolhia esperar alguns minutos

a mais para confirmar uma informação... Cada vez que eu preferia perder um engajamento, mas manter a veracidade... Eu fortalecia uma base invisível que, lá na frente, faria toda a diferença.

Foi difícil, mas não só isso, também foi lento e, muitas vezes solitário porque não pense você que criar uma página do zero (mesmo sendo de um nicho tão popular pra época), era coisa fácil. Muitas vezes eu encontrava uma curiosidade bacana, e com veracidade, mas que mesmo horas e dias depois, contava com duas ou no máximo cinco curtidas ou até um total de “zero compartilhamentos”.

Mas, mesmo sem perceber, eu estava construindo algo que poucas páginas davam valor na época: credibilidade. E nessa época eu tomei consciência de que era preciso fazer história, muito mais do que se preocupar com os tentadores números.

E o mais curioso é que, justamente nos momentos em que eu quase pensei em desistir... algumas pequenas coisas começaram a acontecer. Coisas que, na hora, pareciam detalhes mas que, juntas, começariam a mudar completamente o rumo da Curiozone.

Mas isso... é assunto para o próximo capítulo.

Capítulo 6

Se tem um momento em que a Curiozone realmente começou a existir (não no nome, mas na alma) foi aqui.

Eu sempre digo que uma marca na internet, uma boa marca, que vale a pena ser consumida, não cresce porque posta muito, ou porque tem sorte, ou porque acerta um viral. Isso ajuda, claro. Mas o que faz algo durar na internet é a filosofia por trás. É o que guia cada decisão quando ninguém está olhando. É o que faz você continuar mesmo quando não tem ninguém aplaudindo.

E a filosofia da Curiozone nasceu de um jeito muito simples: “Se não for verdade, não vai pro ar e ponto final.”

Pode soar bobo escrito assim. Mas, naquela época, isso era praticamente uma declaração de guerra. Isso porque o mais tentador de trabalhar com curiosidades é justamente o oposto: pegar algo absurdo, inacreditável, chocante... jogar no ar e esperar o viral acontecer. E quando isso funciona, você ganha curtida, comentário, compartilhamento... então por que não continuar?

Essa era a lógica de praticamente todas as páginas grandes da época.

Mas eu não conseguia fazer isso. Tinha algo em mim que travava. Era como se cada curiosidade falsa que eu visse

viralizando me lembresse do motivo pelo qual eu comecei: fazer diferente. Sempre foi assim.

Então a filosofia nasceu pequena e silenciosa, mas firme.

E foi ela que moldou tudo:

— Moldou o ritmo: eu tive que aceitar que a Curiozone não ia crescer tão rápido quanto as outras. Mas que o crescimento que viria seria mais sólido.

— Moldou o conteúdo: muitas ideias que pareciam ótimas... simplesmente não iam ao ar. Eu precisava de fonte, da confirmação e de uma segurança pra poder seguir em frente. Era trabalhoso, mas necessário.

— Moldou a minha relação com a página: eu parei de ver a Curiozone como um “perfil que eu postei coisas”. E comecei a ver como um compromisso. Algo que eu precisava honrar.

— Moldou a confiança do público: mesmo que devagar, as pessoas começaram a notar diferença. Foi na minha insistência, em meio a desconfiança geral, que elas passaram a notar o cuidado. Notar que ali não tinha exagero... nem mentira e muito menos manipulação.

E foi aí que eu percebi: credibilidade não se constrói com um post, mas com a insistência de fazer o certo quando o errado parece mais vantajoso.

Essa filosofia mudou não só a página, mas minha forma de enxergar o conteúdo. Minha forma de respeitar quem me acompanha. E, de certa forma, minha forma de estar na internet.

Por mais que tudo parecesse pequeno naquele começo, eu não fazia ideia de como essa escolha (essa decisão quase teimosa) acabaria definindo o futuro inteiro da Curiozone.

Porque depois que você decide fazer as coisas com verdade... tudo muda. As portas que se abrem, as pessoas que chegam, os momentos que acontecem... tudo começa a virar consequência.

E foi aí que vieram os aprendizados que realmente marcaram o caminho.

Mas isso é assunto para o próximo capítulo.

Capítulo 7

Tem uma coisa que pouca gente sabe, mas que pra mim mudou absolutamente tudo: a Curiozone, antes de virar um projeto para os outros, virou um espelho pra mim.

Eu sempre gostei de curiosidades, claro. Mas, com o tempo, percebi que eu não estava apenas postando fatos. Eu estava postando partes de mim também.

Cada curiosidade que eu escolhia trazia um pedacinho do que estava passando dentro da minha cabeça. Quando eu falava sobre fenômenos estranhos, era porque eu estava curioso comigo mesmo. Quando eu falava sobre descobertas antigas, era porque eu andava revisitando velhas memórias. Quando eu publicava algo inspirador, era porque eu mesmo precisava ler aquilo.

Era como se a página tivesse se tornado uma lente que me revelava. E foi aí que eu parei e pensei: “Se isso está sendo importante pra mim... será que pode ser importante pra mais alguém?”

Esse foi o momento em que percebi que a Curiozone não era só entretenimento. Ela podia ser uma forma de fazer as pessoas sentirem aquela fagulha que eu sentia quando descobria algo novo. Aquela sensação de “caramba, não sabia disso, mas precisava saber agora”.

E assim, devagarinho, sem planejamento, sem estratégia genial, sem um “plano de negócio”, a Curiozone começou a virar algo mais profundo do que uma página de curiosidades.

Virou um espaço de conexão. Muitas reportagens, principalmente aquelas que vieram a partir dos cards publicados na página do Facebook, viraram temas de debates públicos. E isso levou muitos nomes conhecidos a compartilharem essas postagens. Desde economistas, especialistas em segurança pública, até acadêmicos, professores de história, enfim, não era qualquer coisa.

É por isso que esse espaço onde acontecia essa conexão, além de ser comigo mesmo, era um portal que se conectava com quem estava do outro lado da tela, pessoas muito importantes. E como estamos falando da internet, algo que ultrapassou fronteiras.

Perdi as contas de quantas vezes vi seguidores do Canadá, dos Estados Unidos, seguidores portugueses, gente brasileira que foi morar no Japão e adorava acompanhar o conteúdo que saía na página. Me lembro de entrar no Google pra pesquisar sobre como andava o ranking da Curiozone nas pesquisas, e sempre avistar o nome da página sendo mencionado em trabalhos acadêmicos. Um deles, inclusive, cita a Curiozone como exemplo no combate às informações falsas, e posiciona a página como uma curadoria não de

qualquer assunto, mas só daqueles importantes e verídicos.

E agora, olhando pra trás, percebo: A Curiozone cresceu porque eu cresci junto.

E talvez você, que me acompanha, tenha crescido também. Cada um no seu canto, mas de alguma forma, conectado.

Capítulo 8

Se tem uma coisa que aprendi nesse caminho, é que as pequenas vitórias... nunca são tão pequenas assim.

Eu lembro exatamente da primeira vez que um post da Curiozone bateu mil curtidas. Cara, mil curtidas. Parece pouco hoje, mas na época aquilo parecia um continente inteiro me aplaudindo.

Eu atualizava a página de cinco em cinco minutos. Cada notificação fazia meu coração dar um pulo como se eu tivesse encontrado um tesouro escondido. E a verdade? Eu tinha mesmo.

Porque aquilo não era só um número. Era um sinal. Um sinal de que alguém estava prestando atenção, de que tinha gente lá fora que também se encantava com as mesmas coisas que eu e que, de algum jeito, a ideia de alguém falando sobre curiosidades aleatórias estava alcançando outras pessoas.

E, para ser bem honesto e humilde aqui, preciso destacar que esse ponto só foi possível porque, à medida que a Curiozone ia ficando famosa pelo bom e velho boca a boca, eu ia recebendo pedidos de jovens dispostos a ser editores na página do Facebook. Muitos deles eram jovens sem qualquer pretensão de trabalhar com aquilo, apenas de

grupo e publicar curiosidades como um hobby.

As coisas começaram a acontecer lentamente...

Costumo dizer que, por mais que nenhuma grande marca tivesse fechado com a Curiozone para alguma publi, o que ganhei dos seguidores foi bem mais valioso. Isso porque enquanto no lado de lá os seguidores decepcionados com as tais páginas sensacionalistas e mentirosas, acabavam divulgando a Curiozone nos comentários, do lado de cá acontecia um comentário aqui, um compartilhamento ali, uma DM dizendo “adoro sua página”, e muitos falando até que a gente merecia ultrapassar as outras.

Essas pequenas coisas foram o combustível que fez tudo continuar. Foram elas que me fizeram pensar: “Ué... será que isso pode virar algo maior?”

E virou. Foi ali que comecei a perceber que cada interação era um lembrete de que eu estava construindo algo vivo. Algo que tocava pessoas, nem que fosse por cinco segundos enquanto elas rolavam o feed.

E assim, as pequenas vitórias começaram a se acumular. E quando você junta um monte de pequenas vitórias... você acaba criando um movimento.

Mas o mais curioso de tudo? Até hoje, eu me pego sendo impactado no bom sentido com as pequenas coisas. O comentário inesperado. O elogio sincero. Aquele “poxa,

adoro o seu conteúdo". Talvez porque eu nunca tenha esquecido o que senti lá no começo. E, sinceramente, espero nunca esquecer.

Capítulo 9

Teve uma fase da Curiozone que foi... estranha. Boa, mas estranha.

Foi quando eu percebi que a página tinha começado a crescer mais rápido do que eu conseguia acompanhar. De repente, eu não estava mais falando com algumas centenas de pessoas. Eram milhares. Depois dezenas de milhares. E, antes que eu percebesse, centenas de milhares.

Já falei que vi seguidores brasileiros do Japão, do Canadá, de países europeus. Isso tudo por conta do fenômeno da informação descentralizada e distribuída.

E aí vem a parte engraçada: eu não tinha mudado absolutamente nada.

Eu continuava ali, do mesmo jeito, buscando curiosidades que me deixavam empolgado. Eu continuava escrevendo meus textos com a mesma sinceridade, do mesmo jeito simples, às vezes até despretensioso. Mas a audiência... essa sim estava mudando.

A Curiozone começou a virar um organismo vivo. E não vou mentir, tiveram vezes que me enganei.

As pessoas comentavam entre si. Apontavam erros. Sugeriam temas. Marcavam amigos. Discutiam teorias. Debatiam fatos. Questionavam coisas que eu nunca tinha

parado pra pensar.

E isso me deu uma sensação que eu nunca vou esquecer: a de que o negócio já não era mais só meu.

E sabe o que é mais curioso? Isso não me assustou. Me libertou.

Porque pela primeira vez eu entendi que estava construindo algo coletivo. Algo que ia muito além de “Victor postando curiosidades”. Era um espaço onde as pessoas se encontravam, se divertiam, aprendiam e, sem perceber, faziam parte da construção de tudo aquilo.

Muita gente já deixou de seguir a Curiozone, o que é natural em qualquer nicho, mas perceber que existem nomes (e eu guardo cada um) que continuam desde o começo até hoje, me fazem entender que esse projeto não é uma coisa passageira.

Entender isso, é entender que foi como se a Curiozone tivesse desenvolvido suas próprias pernas... E começado a correr na minha frente.

E o mais bonito é que, mesmo correndo, ela sempre olhava pra trás como quem diz: “Vem, continua comigo.”

E eu fui.

Porque quando um projeto cresce desse jeito (orgânico, espontâneo, meio imprevisível) ele te mostra que você está no caminho certo, mesmo quando não fazia ideia de qual

caminho estava seguindo.

Capítulo 10

Quando a Curiozone chegou naquele ponto em que eu olhava os números e pensava: “Ok... isso aqui já não é mais um hobby”, eu percebi que estava sendo puxado para uma nova fase.

Não foi de um dia para o outro. Foi um acúmulo de sinais pequenos, quase silenciosos.

Sabe quando parece que o universo fica repetindo a mesma mensagem várias vezes, até você parar e ouvir? Pois é.

Primeiro, eram comentários de seguidores dizendo: “Victor, isso aqui merecia virar algo maior.” Depois, mensagens no privado sugerindo formatos, ideias, expansões. Todo novo projeto que eu fiz, pessoas embarcavam e apoiavam. E, por fim, aquela sensação meio impossível de explicar de que alguma coisa estava nascendo, mesmo que eu ainda não soubesse o nome dela.

E eu comecei a me perguntar: “O que a Curiozone ainda não fez... mas deveria fazer?”

Essa pergunta ficou ecoando na minha cabeça por meses.

E quanto mais eu pensava nela, mais eu percebia que a Curiozone nunca foi só uma página. Nunca foi só um feed cheio de coisas curiosas. Nunca foi só entretenimento.

A Curiozone virou... companhia.

Companhia de quem gosta de aprender. De quem gosta de se impressionar. De quem gosta de olhar um fato, uma história, um detalhe do mundo e pensar: “Como eu nunca soube disso antes?”

E isso, essa conexão, começou a gritar aqui dentro. Pedir mais espaço. Mais profundidade. Mais possibilidades. Um novo formato. Uma nova forma de existir.

Foi quando eu percebi que estava vivendo uma espécie de “última página” de um capítulo desses momentos que você lê devagar, sabendo que algo grande está prestes a virar.

E a Curiozone... bem, a Curiozone estava pronta para o próximo passo.

Eu também estava.

Mesmo que desse um frio na barriga.

Mesmo que exigisse coragem.

Mesmo sem saber exatamente como seria.

E quando uma ideia começa a crescer dentro de você desse jeito... meu amigo, minha amiga... Nem mesmo a falta de recursos pra manter o site em 2024 (que foi o que fez a página viver meses sabáticos) faz você querer desistir

definitivamente de tudo.

E não se preocupe.

Você vai entender exatamente do que estou falando.

Mas não agora.

Não ainda.

Tem coisas que merecem ser reveladas no momento certo. E este momento está chegando.

Se você chegou até aqui, preciso te dizer uma coisa simples, mas importante: Obrigado. De verdade.

A Curiozone só existe porque pessoas como você decidiram ficar. Decidiram acompanhar. Escolheram dedicar alguns minutos do dia para aprender algo novo, rir de algo inesperado, se espantar com algo extraordinário.

A cada curiosidade que eu compartilhava, sempre existiu alguém do outro lado da tela pensando: “Isso é incrível.”, “Como assim?”, “Conta mais.”

E é por isso que você está lendo este eBook agora.

Porque, no fundo, nós criamos essa caminhada juntos.

Você fez parte da fase das primeiras postagens tímidas. Fez parte das descobertas. Dos erros aos acertos.

Da construção diária passando pela luta contra a avalanche de fake news até o compromisso com a verdade e

a vontade de transformar curiosidade em algo bonito, educativo, divertido e diferente.

E agora, sem perceber, você faz parte do momento mais importante de todos: o instante imediatamente antes de algo grande nascer.

Eu queria poder revelar tudo. De verdade. Parte de mim quer simplesmente gritar o que está vindo, porque eu estou empolgado demais para guardar.

Mas ainda não é o momento.

Só posso dizer três coisas: É algo que eu sempre quis fazer. Só que nunca tive coragem... até agora.

É algo que a Curiozone merece há muito tempo. E você merece mais ainda.

Vai mudar completamente a forma como você consome curiosidades. Não só lendo. Não só vendendo. Mas vivendo.

Talvez você já tenha percebido algumas pistas aqui e ali. Talvez nem tanto. Mas quando o anúncio for feito... você vai olhar para trás e pensar: “Meu Deus. Agora tudo faz sentido.”

Este eBook foi só a porta de entrada. Um prólogo. Uma luz acesa no corredor antes da sala principal.

E a sala principal está prestes a ser aberta.

Falta pouco, não tão pouco, mas bem menos do que já foi um dia.

Respira fundo. Prepara o coração. E fica atento às

próximas publicações.

Porque aquilo que estamos construindo (eu, você, e todos que fazem parte dessa comunidade) está prestes a ganhar forma.

E quando ganhar... me permita te avisar com antecedência: vai ser impossível ignorar.

Nos vemos na próxima página.

Literalmente.

— Victor Rodrigues.